

UNIDADE DIDÁTICA

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

CLAUDEDE MARIA ANNATER



Cascavel, 2025

APRESENTAÇÃO

Esta Unidade Didática é resultado de pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras)¹, fundamentada na Análise de Discurso de linha francesa². O principal objetivo é oferecer um produto pedagógico pautado nas atividades de leitura e interpretação de textos presentes no livro didático de Língua Portuguesa Pitanguá Mais, de Cristiane Buranello (2021)³ exploradas, aqui, a partir de uma perspectiva discursiva.

Salienta-se que o propósito da nossa escolha ter mirado um livro didático vigente, deve-se ao fato de que esses materiais são o suporte disponibilizado a professores e alunos de instituições de ensino públicas e se constituírem no apoio pedagógico central do processo de ensino e aprendizagem.

Buscamos mostrar por meio do estudo teórico e prático que envolvem essa pesquisa que o professor tem autonomia e, a partir da sua propriedade intelectual, pode-se valer, rever e reorientar os encaminhamentos didáticos propostos pelo material presente em sua escola. Pois o importante é a abordagem do professor, isto é, o olhar mediador do professor que, afetado pela teoria, constitui-se no real modificador do processo ensino-aprendizagem. “Dessa foram, portanto, o professor deixaria de ser a figura subserviente que cumpre programas e adota procedimentos só porque estão nos livros ou estão conforme a opinião dos outros”, ensina e nos provoca Antunes (2003, p. 175)⁴.

Devemos concordar que as atividades de leitura pelo livro didático, muitas vezes, limitam-se à compreensão superficial, focada apenas em aspectos

¹ O Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) é um programa de pós-graduação stricto sensu em Letras, reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação. Tem como objetivo capacitar professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino do País, coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mais informações podem ser consultadas em: <https://profletras.ufc.br/pt/sobre-o-profletras/>

² Sugere-se a leitura da dissertação que deu origem à unidade didática para fins de conhecimento da teoria que fundamenta os encaminhamentos e as leituras analíticas que acompanham os textos analisados nesse material. Em todo caso, buscamos apresentar, ao longo da unidade, informações conceituais, mesmo que breves, para orientar o professor.

³ BURANELLO, C. Pitanguá mais língua portuguesa: 4º ano: ensino fundamental: anos iniciais. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2021.

⁴ ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

formais ou na identificação de informações explícitas na linearidade textual. Ou então, como um objeto tomado como pretexto para abordagens gramaticais.

Porém, estudos como o da Análise de Discurso, provoca-nos à promoção de uma interpretação que leva em consideração o sujeito que diz, a sociedade em que tais dizeres circulam e as práticas ideológicas que envolvem a constituição dos sentidos, que nunca são neutros, nem desprovidos de intencionalidades.

Sabemos que muitos textos são motivações para a inculcação de comportamentos moralizantes que assumem uma valoração previamente autorizada como 'boas práticas' em vista de circularem em livros didáticos. Nos encaminhamentos das leituras que acompanham os textos em tela, buscamos desconstruir os sentidos estabilizados pelas perguntas oriundas do material lançando sobre elas novas oportunidade de reflexão⁵.

Para alcançar esse objetivo, valemo-nos da prática de dinâmicas que permitem uma abordagem aberta à discursividade e interatividade. Trabalhar o ensino a partir de dinâmicas permite aos alunos se envolverem ativamente com o conteúdo, desenvolvendo habilidades de reflexão, argumentação e colaboração entre si de forma lúdica.

Para Costa (2024),

As dinâmicas de ensino e aprendizagem são metodologias que visam promover um ambiente interativo e colaborativo nas salas de aula. Essas práticas incentivam a participação ativa dos alunos, estimulando a troca de ideias e o desenvolvimento de habilidades críticas. Por meio de atividades práticas, discussões em grupo e jogos didáticos, as dinâmicas tornam o processo educativo mais dinâmico e envolvente. Assim, não apenas facilitam a assimilação do conteúdo, mas também preparam os estudantes para enfrentar desafios do mundo real de forma mais eficaz. (Costa, 2024)⁶.

⁵ As análises das perguntas estão disponíveis no trabalho de dissertação.

⁶ Disponível em: <https://escolasdisruptivas.com.br/glossario/dinamicas-de-ensino-e-aprendizagem/>, acesso em: 06/11/2024.

As dinâmicas favorecem a troca de ideias e o aprofundamento das temáticas abordadas nos textos, tornando possível um aprendizado mais significativo, uma vez que as reflexões promovidas em sala de aula passam a significar junto das experiências fora da escola.

Ao adotar esta abordagem buscamos a superação de uma leitura passiva; ao problematizar os temas, objetivamos uma conexão com a realidade, o que é a tarefa primeira da interpretação.

A unidade didática que se apresenta foi elaborado para alunos do 4º Ano do Ensino Fundamental, mas pode ser adaptada para diferentes turmas, considerando as necessidades e características de cada grupo. A flexibilidade da proposta permite a inclusão de novos textos, promovendo a abertura de novos horizontes de sentidos a serem compartilhados.

Ressaltamos uma das premissas que nos move: os discursos materializam ideologias que os ressignificam a partir de quem os lê, ou seja, é essencial refletir sobre como eles representam o funcionamento da sociedade para assim produzirem sentido. Mas nunca um sentido isolado na cadeia da reprodução, e sim, sentidos que se concretizam pela prática de quem interroga o texto, na ânsia de compreender como ele significa.

Esta unidade didática busca o movimento de interpretação sobre os textos naquilo que eles dizem explicitamente, bem como o que não é dito, mas está presente no processo de compreensão.

Abaixo, segue uma breve descrição dos encaminhamentos propostos no material:

Abertura, apresentamos a(o) professor(a) uma breve amostra sobre princípios da Análise do Discurso, uma teoria que visa a problematizar como os discursos não são apenas formas de comunicação, mas processos que constroem sentidos e revelam as ideologias subjacentes da sociedade condutoras do comportamento dos sujeitos. Para tanto, essa vertente teórica parte da premissa de que o sentido não é algo fixo, ou natural, mas resulta da interação entre os sujeitos, as condições históricas e sociais e os recursos linguísticos.

Módulo 1, "Construindo Pontes: O Que o Conto Não Nos Conta", trabalhamos o conto **Construtor de Pontes**⁷, com foco na análise do não dito e nos efeitos de sentido que implicam na interpretação da história a partir dos conflitos presentes no conto envolvidos à metáfora da construção de muro *versus* ponte. O módulo promove a leitura do texto, reflexões por meio das atividades de compreensão e interpretação, a dinâmica **Cartão de Perguntas Surpresa** e uma orientação à materialização das reflexões de encerramento por meio da escrita e ilustração.

Módulo 2, "Regras ou Poesia: O Futebol e suas Múltiplas forma de Compreensão". Nesse módulo utilizamos os verbetes enciclopédico e o poético para demonstrar como diferentes gêneros textuais falam sobre o futebol. O módulo promove a leitura dos verbetes, reflexões sobre os aspectos técnicos do esporte, bem como sobre suas dimensões emocionais e culturais.

Nesse momento, propomos a dinâmica **Painel de Perguntas** para estimular os alunos a formularem questões que dialoguem com os sentidos e reflexões provocados pela leitura. Por meio de atividade escrita, os alunos são incentivados a pensar criticamente sobre o futebol e outros esportes como metáforas para a vida, desenvolvendo valores como respeito, inclusão e trabalho em equipe.

Módulo 3, "Além da Aparência: Desafiando Estereótipos e Abrindo Espaço Para Conhecer o Outro". Nesse módulo, problematizamos a crônica **É índio ou não é índio?** A seção promove a leitura da crônica, com foco em compreender como o texto reflete e reforça estereótipo, além de problematizar as práticas de silenciamento e as relações de poder de uma raça sob a outro.

Por meio de reflexões, os alunos são convidados a levantar perguntas e reflexões espontâneas a serem registradas, posteriormente, no **Diário de Reflexões**. Esse diário será um espaço de protagonismo, onde eles podem

⁷ Os textos "Construtor de Pontes", "Futebol" e "É índio ou não é índio" pertencem a Unidade 1 (p. 19), Unidade 2 (p. 64) e Unidade 3 (p.95), respectivamente, do livro didático Pitangá Mais, de autoria de Cristiane Buranello, publicado em 2021, conforme dados já expostos em nota anterior.

expressar suas ideias e sentimentos sobre o texto, conectando-o a experiências pessoais e questões sociais mais amplas.

Por fim, no módulo 3, propõe-se uma tarefa coletiva a partir da elaboração do **Cartaz de Palavras**, com o objetivo de materializar os contrapontos refletidos frente aos estereótipos presentes na narrativa.

Colega professor(a), desejamos que o estudo que nos moveu possa reverberar, também, na sua prática. De qualquer modo, frente as incertezas que são próprias daqueles que se colocam à árdua tarefa de ser professor(a), ficamos e finalizamos com o pensamento de Geraldi⁸ (2015, p. 125): “**em educação, importa pouco chegar ao que já foi, porque seu compromisso é trabalhar para se chegar ao que sempre estará por vir**”. (grifos do auto).

⁸ GERALDI, João W. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GLOSSÁRIO

Apresentamos uma breve paráfrase de alguns termos próprios da Análise de Discurso. Ressaltamos que a leitura da dissertação pode colaborar para uma melhor compreensão do exposto, bem como conduzir o leitor às fontes que propiciaram a explicação dos temas arrolados.

1. Análise do Discurso

Estudo das relações entre linguagem, sujeito e sociedade, considerando as condições históricas, sociais e ideológicas que moldam a produção de sentidos.

2. Discursividade

Capacidade do texto ou discurso de produzir múltiplos sentidos a partir das interações com o sujeito e o contexto em que circula.

3. Condições de Produção

Contexto em que o discurso é produzido e interpretado, abrangendo fatores históricos, sociais, políticos e culturais que influenciam os sentidos.

4. Memória Discursiva

Conjunto de enunciados e sentidos já ditos que são retomados, conscientes ou inconscientemente, em novos discursos.

5. Ideologia

Sistema de ideias e valores que atravessa os discursos, moldando a percepção da realidade e a construção dos sentidos.

6. Sujeito do Discurso

Sujeito que produz ou interpreta o discurso, constituído e atravessado pelas condições históricas, sociais e ideológicas.

7. Enunciação

Ato de produzir um discurso, envolvendo as escolhas do sujeito e as condições de produção que afetam o que é dito e como é dito.

8. Interpelação

Processo em que o discurso chama o sujeito a ocupar uma posição, geralmente alinhada a uma ideologia dominante.

9. Não Dito

Aspectos do discurso que não são explicitados, mas que influenciam a interpretação e revelam intencionalidades ou ideologias.

10. Silenciamento

Ausência ou apagamento de sentidos, vozes ou discursos que poderiam questionar ou desconstruir o discurso dominante.

11. Discurso Dominante

Discursos que detêm maior circulação e legitimidade em uma sociedade, influenciando comportamentos e formas de pensar.

12. Disputa de Sentidos

Conflito entre diferentes discursos ou interpretações, evidenciando tensões sociais e ideológicas.

13. Práticas Discursivas

Conjuntos de enunciados e formas de dizer que refletem e produzem relações de poder e valores sociais.

14. Metáfora Discursiva

Uso de metáforas no discurso que, além de figuras de linguagem, carregam ideologias e orientam interpretações.

15. Apagamento Discursivo

Processo pelo qual certos aspectos ou vozes são ocultados no discurso, reforçando valores ou ideologias dominantes.

16. Texto como Prática Social

Concepção de que o texto não apenas comunica, mas atua no mundo, sendo atravessado por questões históricas e ideológicas.

17. Posicionamento do Sujeito

Lugar que o sujeito ocupa no discurso, construído pelas condições de produção e pela ideologia.

18. Campo de Luta

Espaço simbólico onde diferentes discursos competem pela construção e legitimação de sentidos.

19. Implícito

Aspectos do discurso que estão subentendidos, dependendo da memória discursiva e do contexto para serem interpretados.

20. Sujeito Histórico

Concepção de sujeito situado em um contexto histórico e social, constituído por práticas discursivas e ideológicas.

21. Relações de Poder

Dinâmicas de controle, resistência e disputa que atravessam os discursos e moldam os sentidos.

22. Efeito de Sentido

Resultado da interação entre texto, sujeito e contexto, que faz com que o discurso signifique de uma maneira específica para determinados leitores.

23. Polifonia

Presença de múltiplas vozes em um discurso, evidenciando disputas, acordos ou contradições entre os sentidos.

24. Heterogeneidade Discursiva

Marcas no discurso que revelam a presença de diferentes vozes, ideologias ou perspectivas.

25. Silêncio Discursivo

Ausência de elementos no discurso que, mesmo não ditos, carregam sentidos e podem representar formas de resistência ou controle.

UNIDADE DIDÁTICA



ABRINDO ESPAÇO ÀS PERGUNTAS NÃO FEITAS: DESVENDANDO DISCURSO E CONSTRUINDO SENTIDOS

- pontos de apoio na teoria que nos move -



"Ler é atribuir sentidos. A interpretação é sempre um trabalho de deslocamento, de construção de novas relações, no qual o sujeito, ao interpretar, é atravessado pela historicidade que o constitui". (Orlandi, 1996, p.11)



"A Análise do Discurso se constitui como um campo do conhecimento que toma o discurso como objeto de análise, considerando-o na relação entre linguagem, sujeito e história, rompendo com a visão estruturalista e trazendo à tona as condições de produção e os efeitos de sentido". (Orlandi, 1999, p.15)



"Ler não é apenas decifrar letras e sons, mas interpretar sentidos inscritos em uma história, atravessados pela ideologia e pelo lugar social de quem lê e de quem escreve". (Orlandi, 1996, p.39)

MÓDULO I

CONSTRUINDO PONTES: O QUE O CONTO NÃO NOS CONTA



PREPARANDO O TERRENO

“A educação ‘é um esforço de ruptura, um esforço difícil e doloroso para se equilibrarem as coisas” (Geraldi, 2015, p. 43).

Professor(a), sugerimos que essas questões iniciais sejam feitas oralmente junto à turma, com o objetivo de ativar o conhecimento prévio dos alunos a respeito de temas como conflito e reconciliação, explorando-se a ‘ponte’ em seu sentido metafórico. Ao compartilharem experiências pessoais, os alunos são levados a se conectar com o conteúdo do conto, preparando-se para uma compreensão crítica sobre o assunto em pauta. A discussão prévia visa a estimular o pensamento coletivo, permitindo que os alunos compreendam as metáforas (no caso, da ponte) de forma plural, preparando-os para uma leitura de interpretação e questionamentos. Ao mediar as questões propostas abaixo com a turma é importante organizar um ambiente acolhedor, de modo que os alunos se sintam à vontade para compartilhar suas experiências e opiniões. Ao longo da discussão, cabe o incentivo à escuta entre os membros do grupo e a orientação à valorização dos diferentes pontos de vista. O professor(a) deve reforçar que não há respostas certas ou erradas, mas que todas as opiniões são igualmente importantes.

- 1- Todos aqui têm amigos. O que acontece quando brigamos com um amigo? Como nos sentimos?
- 2- Depois que ocorre uma briga e o tempo passa e a gente avalia o que aconteceu, às vezes, percebemos que a amizade era importante. O que pode ser feito para reatar uma amizade depois de uma briga?
- 3- Você já se sentiu injustiçado diante de uma conversa que acaba numa briga? Você pode narrar a sua história.
- 4- Todos sabem o que é uma ponte. Qual é a sua função? Se duas pessoas estão brigadas, e alguém diz, “vamos construir uma ponte entre nós”, o que isso significa?
- 5- Mas, e se a sugestão fosse a construção de um muro, o que ele promoveria?

- 6- Agora, vamos pensar sobre um assunto muito sério: na sua opinião, as palavras podem ser ponte ou um muro entre as pessoas? Dê exemplos que ilustrem as duas condições.



MERGULHANDO NO TEXTO

Professor(a), primeiramente, é importante realizar a análise do conto. Apresentamos a você um estudo sustentado pela Análise de Discurso. Posteriormente, proceda à leitura do conto para os alunos, fazendo pausas estratégicas para levantar interrogações em vista do que eles responderam anteriormente e das reflexões já suscitadas pelo estudo orientada por meio da análise. É importante superar a leitura da textualidade e avançar sobre a discursividade inerente ao texto. Alguns questionamentos podem ser dirigidos aos alunos no decorrer da leitura:

O que é e não é dito explicitamente no conto?

O motivo do conflito entre os personagens é apresentado?

Como a ausência dessa informação pode significar?

Quais eram as intenções do pedreiro?

A figura do pedreiro é simbólica: o que mais ele poderia representar?

Por que ele age sem pedir permissão?

Conduza discussões sobre as escolhas simbólicas da história, como a ponte *versus* o muro e como esses elementos podem ser vistos como metáforas de reconciliação e barreiras sociais. Oriente a turma a pensar sobre as diferentes formas de resolver conflitos, considerando contextos reais e suas complexidades. E a refletir se a reconciliação é sempre possível ou desejável. Finalize estimulando a análise do papel das cores e dos traços visuais na narrativa, promovendo uma interpretação ampla que envolva as emoções e valores subjacentes à história.

Professor(a), essas orientações são estímulos voltados à sua prática, cabendo as adequações de vocabulário e abordagem serem nivelados à série e perfil dos alunos.

Professor(a), seguem algumas reflexões para sua orientação!

Para uma leitura discursiva do conto *O Construtor de Pontes*, é essencial compreender que os textos não apenas narram histórias, mas também constroem sentidos mediados por relações de poder, valores sociais e condições históricas. Essa abordagem, fundamentada na Análise do Discurso, permite identificar não apenas o que é dito, mas também os

implícitos, silenciamentos e deslocamentos que moldam os significados.

Um aspecto central a ser explorado é o "não dito". No conto, o motivo da briga entre Tomás e Serafim não é revelado, o que direciona a atenção para a reconciliação mediada pelo pedreiro. Segundo a AD, essa ausência de explicação não é uma falha, mas

uma escolha discursiva que reflete intenções e ideologias. Perguntas como "Por que o autor optou por não revelar o motivo do conflito?" ou "Como essa omissão nos faz interpretar a história de maneira diferente?" ajudam os alunos a compreender que os silêncios têm papel ativo na construção de sentidos.

Outro ponto de análise é o papel dos sujeitos no discurso. O pedreiro, que atua como mediador, pode ser interpretado como um agente neutro ou como alguém influenciado pelas condições ideológicas do contexto. Enquanto isso, Tomás e Serafim ocupam posições polarizadas, representando lados opostos de um conflito. Questões como "Quem tem o poder de decidir no conto?" ou "O pedreiro impôs uma solução ou apenas facilitou?" incentivam os alunos a identificar como os discursos constroem hierarquias e reforçam valores sociais.

As metáforas da ponte e do muro também merecem destaque. Enquanto a ponte simboliza reconciliação e diálogo, o muro representa separação ou proteção. No entanto, essas metáforas não são neutras e carregam significados ideológicos que podem ser questionados. Refletir sobre "Construir pontes é sempre a melhor solução?" ou "Há situações em que um muro é necessário?" ajuda os alunos a perceberem que essas

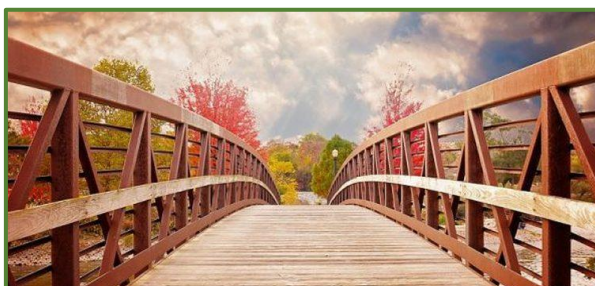
imagens dialogam com práticas e valores sociais amplos.

O desfecho do conto, centrado na reconciliação, apresenta-a como uma solução universal e desejável. No entanto, é relevante discutir se essa perspectiva ignora as causas do conflito ou outras alternativas, como o distanciamento saudável. Perguntas como "A reconciliação realmente resolve os problemas de Tomás e Serafim?" ou "Quais outras formas de lidar com conflitos poderiam ser exploradas?" promovem uma leitura crítica, desafiando a visão moralizadora implícita no texto.

Finalmente, é importante considerar como o texto interpela o leitor, convidando os leitores a assumirem determinadas posições e valores. Em *O Construtor de Pontes*, os leitores são convocados a valorizar o perdão e a reconciliação. Questionar essa interpelação ajuda os alunos a refletirem sobre como o texto constrói sentidos e os posiciona como sujeitos.

Essa abordagem discursiva possibilita que os alunos desenvolvam o senso crítico, compreendendo os textos como práticas sociais complexas. Assim, eles não apenas analisam a narrativa, mas também refletem sobre as relações de poder, ideologias e disputas de sentido que a atravessam, conectando esses elementos às suas realidades e experiências. (A autora)

CONSTRUTOR DE PONTES



Durante o ano, a professora nos contou muitas histórias de paz. Uma das que eu mais gostei foi a seguinte.

Era uma vez dois compadres muito amigos. Um se chamava Tomás e o outro, Serafim. Cada um morava num sítio que tinha como divisa um rio. Um dia, eles se desentenderam e romperam a amizade. Um não queria mais ver a cara do outro.

Compadre Tomás estava com tanta bronca do compadre Serafim que chamou um pedreiro e encarregou-o de levantar um muro bem alto acompanhando o rio, separando as propriedades. Assim não veria mais o compadre Serafim. Passadas as ordens, compadre Tomás disse que viajaria e ficaria uns dias fora. Quando voltasse, queria ver o serviço realizado.

— Entendido? — perguntou o compadre Tomás.

— Entendido, sim, senhor! — respondeu o pedreiro. — Um muro bem alto, acompanhando o rio, para o senhor nunca mais ver a cara do seu compadre. Nunca mais!

— Isso mesmo — disse ele, partindo em seguida. O pedreiro imediatamente deu início à tarefa.

Quando o compadre Tomás chegou de viagem, o pedreiro apresentou-se e informou que o serviço estava pronto. Mais que depressa, ele quis ver a obra. Acompanhado do pedreiro, foi até o rio. Ao chegar no local, Tomás levou o maior susto. Muito nervoso, aos berros, foi logo dando bronca no pedreiro.

— Eu pedi para construir um muro e não uma ponte ligando a minha propriedade à do compadre Serafim!

O pedreiro, cabisbaixo, ouvia a bronca sem dizer uma única palavra. Naquele mesmo instante, do outro lado, surgiu o compadre Serafim, todo alegre. Vendo a ponte, atravessou-a e veio correndo ao encontro do vizinho.

— Compadre Tomás, você construiu uma ponte ligando nossas propriedades para voltarmos a ser amigos, não é mesmo? — E deu-lhe um forte abraço.

Compadre Tomás, totalmente desconcertado e sem saber o que dizer, não teve outra saída senão retribuir o abraço.

Enquanto se abraçavam, compadre Tomás furtivamente deu uma piscadela para o pedreiro, demonstrando ter entendido o recado. E disse, em seguida:

— Desculpe-me pela bronca que lhe dei. Afinal, devo reconhecer que

gostei do que fez. Proponho-lhe que fique trabalhando sempre para mim.

Ao que o pedreiro respondeu:

— Sinto muito não poder atendê-lo, senhor Tomás. Devo ir, pois tenho outras pontes a construir...

A professora conclui, dizendo: na história que ouviram, o muro representa nossas barreiras, ou seja, tudo que nos separa de alguém, enfim, nossas inimizades. A ponte, por sua vez, representa algo que nos liga às pessoas, nossas amizades. Construir uma ponte em vez de um muro significa restabelecer uma amizade, voltar a viver em paz...

Pedi que refletíssemos se, dentro de nós, também não havia muros nos separando de alguém. Caso houvesse, que tal destruí-los e construir pontes em seu lugar?

Semeando a paz, de Fernando Carraro. São Paulo: FTD, 2008. p. 24 – 26



INTERAGINDO COM O CONHECIMENTO

Professor(a), após a leitura do conto, passamos à dinâmica **Cartão Perguntas Surpresa**. As dinâmicas são encaminhamentos que colaboram na promoção do desenvolvimento de habilidades importantes como a interação, a escuta ativa e o pensamento crítico. Para a sua realização, propõe-se à organização dos alunos em duplas. Cada dupla deve responder à pergunta de seu cartão e, em seguida, compartilhar sua resposta com o restante da turma. O professor deve guiar a discussão, incentivando os alunos a refletirem sobre diferentes interpretações, explorarem as razões por trás das ações dos personagens e ajudarem uns aos outros a compreenderem mais profundamente a história. Abaixo seguem alguns exemplos de perguntas para os cartões. Sinta-se à vontade para elaborar outras questões. O importante é que as perguntas ajudem a aprofundar a compreensão do conto e incentivem as possíveis interpretações.

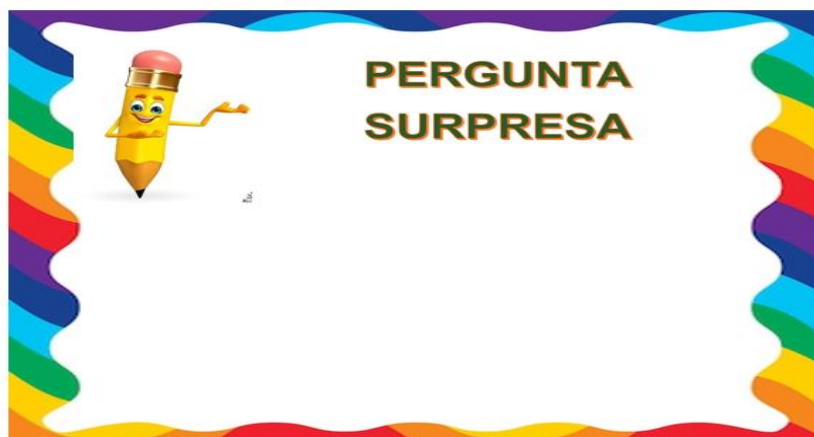
- 1- Por que o Tomás desejou construir um muro? Você poderia descrever os possíveis sentimentos de Tomás naquele momento?
- 2- O pedreiro agiu por conta própria, não cumprindo com o pedido de quem o contratou: como você avalia essa a atitude?
- 3- Você considera a presença do pedreiro importante?
- 4- A história diz que é bom reconciliar, mas será que todas as brigas podem ser resolvidas? Quando é que o “muro” pode ser necessário?
- 5- O motivo da briga entre Tomás e Serafim não é contada. Haveria uma razão para isso?

- 6- O que a ponte simboliza na história? O que ela pode representar na vida real?
- 7- Tomás manda construir um muro, mas ao final vê uma ponte. O que isso nos ensina sobre como nossas atitudes podem alterar uma situação?
- 8- O pedreiro poderia assumir outras identidades? Quais poderiam ser elas?
- 9- É sempre positivo que uma pessoa se intrometa numa situação conflituosa e tome a iniciativa pelas pessoas envolvidas? Qual o risco disso?
- 10- A história não fala dos motivos da briga entre Tomás e Serafim. Isso se constituiu um muro para nossa compreensão do texto?
- 11- Pensando sua resposta acima, podemos pensar que muitas coisas não são contadas numa história e sua compreensão fica por conta do leitor? Vamos imaginar situações em que isso ocorre. É possível, então, afirmar que um texto não diz tudo? Quais conclusões podemos tirar a respeito dessa reflexão.

A linguagem é um sistema de relações de sentidos onde, a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que a sua materialidade impede que o sentido seja qualquer um.

(Orlandi, 1996, p. 20)

Sugestão para elaboração do **Cartão Pergunta Surpresa**.





COLOCANDO EM PRÁTICA

Professor(a), essa atividade incentiva os alunos a se aprofundarem na interpretação do conto e a expressarem sua compreensão da história através de uma ilustração. Encaminhe os alunos à produção de uma representação visual de um momento crucial da narrativa, como a briga não contada entre Tomás e Serafim. O aluno deve escolher uma cena e traduzi-la para o desenho, focando nas expressões dos personagens, no ambiente que os cerca e nas emoções predominantes. O desenho pode ser feito com ênfase em detalhes como a postura, as cores e o cenário visando a construção do conflito. Após o desenho, os alunos devem escrever uma breve explicação sobre suas escolhas artísticas, refletindo sobre o que sua ilustração revela a respeito da história e de como ela representa o conflito. Essa atividade proporciona uma forma criativa de reforçar a compreensão do texto e estimular os alunos a usarem outras formas de linguagem. Após finalizada a atividade, os desenhos podem ser expostos no mural da sala.

A contribuição do professor, em relação às leituras previstas para um texto, é modificar as condições de produção de leituras do aluno, dando oportunidade a que ele construa sua história de leituras e estabelecendo, quando necessário, as relações intertextuais, resgatando a história dos sentidos do texto, sem obstruir o curso da história (futura) desses sentidos.

(Orlandi, 2000 p. 88).

Atividade Dê Vida ao Conto!"

É a sua vez de ser o ilustrador da história, portanto, parte daquele que a conta! Escolha o momento emocionante ou importante da história de Tomás e Serafim e desenhe como você imagina os fatos ocorridos. Use cores, expressões para mostrar o que e como eles estão sentindo. O cenário também é muito importante! Onde isso acontece? O que está ao redor deles? Depois, escreva uma breve explicação sobre o que seu desenho representa e como ele ajuda a contar a história.

MÓDULO II

REGRAS OU POESIA: O FUTEBOL E SUAS MÚLTIPLAS FORMA DE COMPREENSÃO



PREPARANDO O TERRENO

Professor(a), vamos apresentar aqui dois verbetes, um enciclopédico e o outro poético que falam sobre o jogo de futebol. Mas, antes de iniciar a leitura, é fundamental contextualizar o tema e preparar os alunos para as reflexões que serão desenvolvidas. Esse momento inicial visa engajá-los no tema e despertar a curiosidade. Inicie a aula perguntando aos alunos, por exemplo:

1. Qual é o jogo mais popular do Brasil?
2. Você conhece as regras do futebol?
3. Você já jogou (sabe jogar) futebol?
4. Você assiste a partidas de futebol?
5. Qualquer pessoa pode jogar futebol?

Registre as respostas no quadro, organizando-as em duas categorias:

Técnicas: referências a regras, times, campeonatos e aspectos estruturais do jogo.

Emocionais: sentimentos relacionados ao futebol, como rivalidade, pertencimento e memórias afetivas.

Essa divisão mostra como o futebol pode ser percebido de formas distintas, tanto como um conjunto de regras e fatos quanto como um elemento que desperta emoções e reflexões culturais.

Explique aos alunos que eles irão explorar dois tipos de verbetes sobre futebol, que abordam o tema de formas diferentes por meio de dois gêneros textuais distintos:

Verbete Enciclopédico: descrição objetiva, que apresenta informações factuais sobre o esporte, como regras e características do jogo.





Verbetes Poético: abordagem subjetiva, que utiliza metáforas e linguagem figurativa para transmitir sentimentos, imagens e reflexões culturais sobre o futebol.

Professor(a), explique aos alunos como diferentes tipos de texto (poético e enciclopédico) constroem sentidos distintos sobre o mesmo tema, neste caso, o futebol. Destaque que, ao comparar essas abordagens, eles poderão compreender as intenções de cada autor, os recursos usados na escrita e as diferentes maneiras de representar o esporte.

Reforce que a comparação não se trata de decidir qual texto é "melhor", mas de perceber como cada um provoca reflexões, sentimentos e conhecimentos específicos. Incentive os alunos a pensar sobre as experiências que esses textos despertam, considerando não apenas as informações que trazem, mas também o impacto emocional e cultural que geram.

Comente que haverá um momento de discussão para que eles compartilhem suas percepções e reflexões. Esse diálogo será uma oportunidade para explorarem como os textos podem moldar ou ampliar suas visões sobre o futebol, estimulando uma atitude crítica diante das diversas representações do esporte na literatura, na mídia e na sociedade.



MERGULHANDO NO TEXTO

Professor(a), durante a leitura dos verbetes, orientar os alunos a observar não apenas o que está escrito, mas como os sentidos são construídos em cada texto, destacando as diferenças de linguagem, intenção e efeitos. No verbete enciclopédico, guie os alunos a identificar o tom objetivo, o uso de definições e a organização das informações; no verbete poético, ajude-os a perceber as imagens, metáforas e emoções. Promova pausas estratégicas para levantar perguntas que estimulem a reflexão, como as que estão abaixo de cada texto. Incentive-os a comparar como cada texto representa o futebol e provoca diferentes percepções, preparando para uma discussão crítica e interpretativa ao final.

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação ao dizer a sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos tem haver com que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele. (Orlandi, 2001, p. 30).

Mas, antes, proceda a leitura da análise dos verbetes!

A análise discursiva dos verbetes sobre o futebol, com base na Análise do Discurso, revela como diferentes práticas discursivas constroem sentidos ao mesmo tempo em que silenciam aspectos essenciais do tema.

No verbete enciclopédico, a descrição objetiva do futebol como o esporte mais popular do mundo, praticado por homens e mulheres, destaca regras e contextos formais, como escolas e clubes. Essa escolha discursiva privilegia uma visão técnica e funcional, reforçando sentidos estabilizados e naturalizados. A menção à participação de homens e mulheres, sem abordar as desigualdades históricas de acesso ao esporte encobre as barreiras enfrentadas por mulheres e outras exclusões sociais, como questões de classe e raça. Além disso, a apresentação do futebol como uma prática universal desconsidera as especificidades culturais e políticas que moldam o esporte em diferentes contextos, especialmente no Brasil.

Esse apagamento de dimensões culturais e sociais oculta certos sentidos e torna visível apenas uma perspectiva limitada. O futebol, no Brasil, é um fenômeno cultural que transcende a prática esportiva: é um espaço de resistência, pertencimento e expressão de identidade nacional. Desde as "peladas" nas ruas até os estádios, o esporte reflete desigualdades sociais e, simultaneamente, cria possibilidades de integração e luta. A falta de discursividade no verbete enciclopédico, ao não explorar essas questões, reduz o futebol a um conjunto de regras desprovido de suas complexidades históricas e culturais.

Já o verbete poético, ao utilizar metáforas como a comparação da bola com a lua e o ato de "chutar a lua", cria um universo lírico que transforma o futebol em uma experiência simbólica e emocional. A metáfora dos "pés de moleque" e "pés de moça" evoca aspectos culturais e

identitários, sugerindo um cenário folclórico que transcende a materialidade do jogo. Contudo, essa abordagem também revela silenciamentos. Ao romantizar o futebol e destacar apenas o seu aspecto lúdico, o verbete poético apaga questões concretas, como racismo, exploração de jogadores e mercantilização do esporte.

A perspectiva discursiva ensina que o uso de metáforas não é neutro, mas ideológico. Ao transformar o futebol em um ato quase mítico, o texto reforça uma visão idealizada do esporte que pode desviar a atenção de suas contradições sociais. Além disso, a metáfora "chutar a lua" sugere uma busca por algo inalcançável, o que pode ser lido como uma crítica sutil à efemeridade dos sonhos no esporte, especialmente para as classes populares que veem no futebol uma forma de mobilidade social.

Ambos os verbetes, portanto, operam dentro de limites discursivos que moldam suas representações do

futebol. O verbete enciclopédico reforça sentidos estabilizados ao silenciar dimensões culturais e políticas, enquanto o poético, ao criar um espaço simbólico, também apaga tensões concretas. Orlandi explica que o discurso não é um espelho neutro da realidade, mas um campo de luta em que sentidos são construídos, disputados e silenciados.

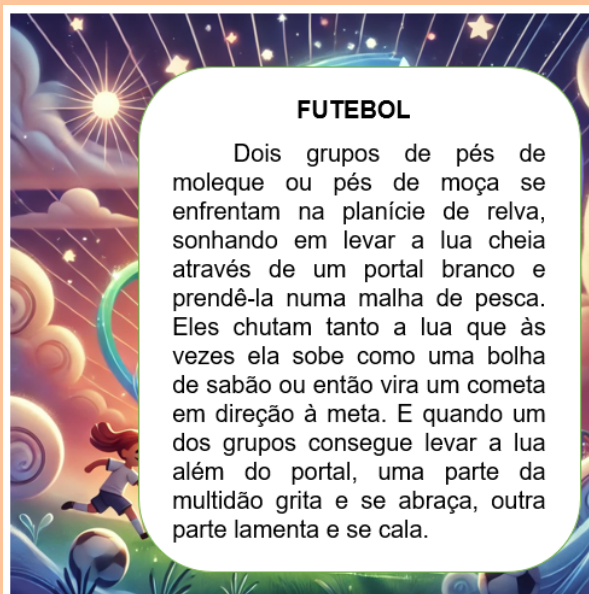
O professor, através da análise discursiva desses textos tem condições de ampliar a discussão com os alunos, mostrando que os verbetes não são apenas descrições ou expressões artísticas, mas práticas discursivas atravessadas por ideologias e relações de poder. Essa abordagem estimula uma leitura crítica, que vai além do conteúdo manifesto e explora as vozes ausentes e os sentidos ocultos, transformando a leitura em um ato de reflexão sobre o futebol como fenômeno social, cultural e político. (A autora).

Professor(a): apresentar os verbetes aos alunos e deixá-los livres para a associação de sentidos de proximidades e distanciamentos entre eles. Posteriormente, proceder à leitura comentada considerando o exposto na análise dos verbetes.

Verbete de enciclopédia



Verbete Poético





INTERAGINDO COM O CONHECIMENTO

Professor(a), após a leitura dos verbetes e de propor aos alunos um espaço livre de exposição das próprias impressões, encaminha-se a dinâmica do Painel de Perguntas. Organize um painel na parede da sala de aula, que pode ser feito de papel pardo ou cartolina, onde os alunos possam fixar suas perguntas. No início da aula, entregar para os alunos um pedaço de papel (ou *post-it*) para que eles escrevam até duas perguntas que surgiram durante a leitura e as conversas anteriormente. As perguntas podem ser sobre o conteúdo informacional dos verbetes, sobre as metáforas usadas ou quaisquer outras dúvidas/questões provocadas pela leitura dos textos. Explique que as perguntas vão ajudar todos a entender melhor os textos e pensar no futebol de um jeito diferente. Incentive os alunos a pensarem em perguntas que explorem tanto o que os textos explicam quanto o que os textos os fazem sentir.

Após as perguntas serem colocadas no painel, explique para a turma como será a dinâmica. Diga que cada aluno terá a chance de escolher uma pergunta, ler para a turma e, juntos, discutem a melhor resposta. Reforce que não há respostas "certas" ou "erradas", mas que a ideia é compartilhar ideias e aprender uns com os outros. Convide um aluno por vez para se aproximar do painel e escolher uma pergunta. Peça que ele leia a pergunta em voz alta para toda a turma. Ajude o aluno a compreender o significado da pergunta, se necessário, e incentive-o a iniciar a discussão dizendo o que pensa sobre a questão.

Professor(a), esse momento de diálogo e reflexão é essencial para que o aluno, desenvolva uma leitura crítica dos sentidos naturalizados nos discursos sobre os esportes. Ele passa a compreender os esportes não apenas como práticas físicas, mas como espaços de produção de significados, atravessados por ideologias, valores e relações de poder. Essa atividade permite que os alunos questionem e ressignifiquem as representações discursivas dos esportes, conectando-as com questões sociais, históricas e culturais, e ampliando sua capacidade de interpretar o mundo e seus próprios posicionamentos enquanto sujeitos históricos.



COLOCANDO EM PRÁTICA

Professor(a), explique aos alunos que os esportes, assim como o futebol, são mais do que jogos. Eles são formas de aprendermos sobre nós mesmos e sobre o mundo ao nosso redor. Reforce que a prática esportiva nos ensina valores como respeito, esforço e trabalho em equipe, e que essas lições podem ser levadas para todos os momentos da vida. Para ajudá-los a pensar em como cada esporte pode ser uma metáfora para situações da vida, como trabalho em equipe, superação de desafios, aprender com as derrotas e celebrar as vitórias, peça para que escolham um esporte que conheçam ou que gostariam de aprender mais sobre, como vôlei, basquete, natação, atletismo, entre outro, e expliquem o que esse esporte podem ensinar. Organize uma breve discussão, e na sequência, peça para que registrem a relação do esporte com metáfora representativa da vida em sociedade.

MÓDULO III

ALÉM DA APARÊNCIA: DESAFIANDO ESTEREÓTIPOS E ABRINDO ESPAÇO PARA CONHECER O OUTRO



PREPARANDO O TERRENO

Professor(a), aqui vamos apresentar a Crônica "É índio ou não é índio?" Para iniciar, é importante comentar com os alunos sobre o gênero crônica.

A crônica é um texto curto e narrativo que aborda situações do cotidiano de forma reflexiva ou humorística. Geralmente escrita em linguagem simples, a crônica combina fatos reais ou imaginados com observações do autor, trazendo uma visão pessoal sobre temas variados, como comportamento, cultura ou sociedade. É muito comum encontrá-la em jornais e revistas, sendo um gênero que busca provocar identificação ou reflexão no leitor.

Após apresentar o gênero crônica, faça perguntas que se encontrem ao propósito do texto: "Como você se sentiria se as pessoas julgassem quem você é apenas pela sua aparência?" ou "Você já viu ou ouviu falar de alguém que foi julgado pela forma como se veste ou pelo jeito de ser?". Dê alguns minutos para que pensem sobre isso e, se quiserem, compartilhem suas ideias. Incentive-os a refletir sobre os sentimentos e as consequências que esses julgamentos podem causar. Explique que a crônica que será trabalhada conta uma situação vivida por um indígena no metrô de São Paulo e que o texto mostra como as pessoas, muitas vezes, fazem julgamentos com base em estereótipos. Apresente o conceito de estereótipos como ideias simplificadas e geralmente equivocadas que as pessoas têm sobre determinados grupos. No caso dos povos indígenas, explique que esses estereótipos frequentemente os associam apenas a elementos tradicionais, como roupas e costumes antigos, ignorando que muitos vivem em contextos urbanos e contemporâneos, com hábitos variados. Oriente os alunos a observar as falas e atitudes das personagens da crônica para identificar como os estereótipos aparecem no texto. Peça que reflitam sobre como esses preconceitos afetam a forma como os povos indígenas são vistos e tratados na sociedade.



MERGULHANDO NO TEXTO

Professor(a), para realizar a leitura discursiva da crônica, o professor deve assumir o papel de mediador, ajudando os alunos a perceberem que a linguagem do texto vai além do que está escrito, sendo carregada de sentidos, escolhas e silenciamentos. Inicie com uma leitura pausada e expressiva, destacando os diálogos

e descrições, para que os alunos compreendam o tom das personagens e a construção narrativa. Durante a leitura, faça breves interrupções em momentos estratégicos para enfatizar aspectos discursivos. Por exemplo, ao apresentar as falas das senhoras, pergunte aos alunos o que essas falas revelam sobre como os povos indígenas são percebidos. Oriente-os a observar a escolha de palavras e expressões, destacando que elas refletem estereótipos e preconceitos que vão além das personagens, representando ideias que circulam socialmente. Chame a atenção para a ausência de fala do indígena durante boa parte da narrativa e peça aos alunos que reflitam sobre o papel do silêncio no texto. Pergunte como essa ausência contribui para a construção do sentido da crônica e como o gesto final do sorriso pode ser interpretado. Isso ajudará os alunos a perceberem que, no discurso, o que não é dito pode ser tão significativo quanto o que é falado. Finalize a leitura retomando o texto como um todo e proponha que os alunos reflitam sobre a relação entre linguagem, identidade e poder, que atravessa o texto. Mostre que a leitura discursiva vai além da decodificação das palavras, buscando entender as marcas ideológicas, os posicionamentos e os sentidos que o texto constrói sobre a realidade social.

Segue algumas reflexões para sua orientação!

A crônica "É índio ou não é índio?" destaca como os discursos presentes no texto revelam estereótipos enraizados na sociedade e como eles moldam a percepção das identidades indígenas. As falas das senhoras refletem uma memória discursiva construída historicamente, que associa os povos indígenas a um conjunto de características fixas e ultrapassadas. As expressões como "Se fosse índio, teria cabelo comprido e usaria aquelas roupas

deles" exemplificam como a identidade indígena é reduzida a uma imagem estereotipada e ultrapassada, ignorando a complexidade e diversidade dos povos indígenas contemporâneos.

O silêncio do personagem indígena é um elemento central da narrativa e deve ser explorado como um recurso discursivo. A ausência de uma resposta verbal e o gesto do sorriso ao final funcionam como uma forma de resistência e de subversão ao discurso dominante das

senhoras. Na perspectiva da Análise de Discurso, o silêncio é carregado de significados e pode ser lido como um posicionamento que recusa dialogar dentro dos termos impostos pelo discurso preconceituoso das personagens. Essa escolha sublinha as tensões sociais presentes e expõe a ignorância que sustenta os estereótipos.

O texto também permite trabalhar o conceito de ideologia, destacando como as percepções das senhoras são moldadas por narrativas que reforçam o apagamento das vozes indígenas. A visão limitada das personagens reflete uma ideologia dominante que perpetua a ideia de que os indígenas pertencem a um passado fixo, ignorando suas experiências e vivências no presente, especialmente em contextos urbanos. Essa perspectiva invisibiliza as transformações culturais e sociais dos povos indígenas e reforça uma visão colonialista.

A ausência de imagens no texto é outro ponto relevante a ser destacado. Sem representações

visuais, o foco recai integralmente na linguagem e nas interações das personagens, permitindo que o preconceito e os estereótipos sejam revelados diretamente pelo discurso. Essa escolha narrativa provoca o leitor a refletir criticamente sobre suas próprias percepções e preconceitos, desafiando-o a imaginar e construir o personagem indígena por meio do olhar subjetivo das senhoras e a desconfiar dessas representações limitadas.

Ao conduzir a leitura, o professor deve enfatizar que o texto não apenas reflete estereótipos, mas também os problematiza, oferecendo uma oportunidade de desconstrução crítica. A análise discursiva da crônica permite compreender como os estereótipos são produzidos e sustentados na linguagem e como eles podem ser contestados. Dessa forma, o texto se torna um ponto de partida para discutir a necessidade de representações mais inclusivas e diversificadas dos povos indígenas na sociedade e na escola. (A autora)

É índio ou não é índio?

Certa feita tomei o metrô até a praça da Sé. Eram os primeiros dias que estava em São Paulo e gostava de andar de metrô e ônibus. Tinha um gosto especial em mostrar-me para sentir a reação das pessoas quando me viam passar. Queria poder ter a certeza de que as pessoas me identificavam como índio a fim formar minha autoimagem.

Nessa ocasião a que me refiro, ouvi o seguinte diálogo entre duas

senhoras que me olharam de cima a baixo quando entrei no metrô:

- Você viu aquele moço que entrou no metrô? Parece que é índio - disse a primeira senhora.

- É, parece. Mas eu não tenho tanta certeza assim. Viu que ele usa calça jeans? Não é possível que ele seja índio usando de branco. Acho que não é índio de verdade - retrucou a outra senhora.

- É poder ser. Mas você viu o cabelo dele? É lisinho, lisinho. Só índio tem cabelo assim, desse jeito. Acho que ele é índio, sim - defendeu-me a primeira.

- Sei não. Você viu que ele usa relógio? Índio vê a hora olhando para o tempo. O relógio do índio é o sol, a lua, as estrelas... Não é possível que ele seja índio - argumentou a outra.

- Mas ele tem o olho puxado - disse a primeira senhora.

- E também usa sapatos e camisa - ironizou a segunda.

- Mas tem as maçãs do rosto muito salientes. Só os índios tem rosto desse jeito. Não, ele não nega. Só pode ser um índio, e parece ser dos puros.

- Não acredito. Não existem mais índios puros - afirmou cheia de sabedoria a segunda senhora. - Afinal, o que um índio estaria fazendo andando de metrô? Índio de verdade mora na floresta, carrega arco, flecha, caça, pesca, planta mandioca. Acho que não é índio coisa nenhuma...

- Você viu o colar que ele está usando? Parece que é de dentes. Será que é de dentes de gente?

- De repente até é. Ouvi dizer que ainda existem índios que comem gente medrou a segunda senhora.

- Você não disse que achava que ele era índio? Por que está com medo?

- Por via das dúvidas...

- O que você acha de falarmos com ele?

- E se ele não gostar?

- Paciência... Ao menos nós teremos as informações mais precisas, você não acha?

- É, eu acho, mas confesso que não tenho muita coragem de iniciar um diálogo com ele. Você pergunta? - Isto dito pela segunda senhora que, a esta altura, já se mostrava um tanto constrangida.

- Eu pergunto.

Eu estava ouvindo a conversa de costas para as duas e de vez em quando

ria com vontade. De repente, senti um leve toque de dedos. Virei-me. Infelizmente, elas demoraram a chamar-me. Meu ponto de desembarque estava chegando. Olhei para elas, sorri e disse:

Sim!

MUNDURUKU, Daniel. O banquete dos deuses. São Paulo, Global, 2009.



INTERAGINDO COM O CONHECIMENTO

Professor(a), para essa atividade será necessário organizar com antecedência um diário para cada aluno. Pode ser um caderno, uma caderneta, ou a junção de algumas folhas, fica a critério da criatividade do professor e da disponibilidade de material na escola. Como sugestão, apresento o diário personalizado com o título: **Diário de Reflexões: Biscoitinhos com Leite Quente.**



Para iniciar a atividade, apresente o **Diário de Reflexões** como um espaço onde os alunos poderão registrar suas perguntas, ideias e sentimentos. Explique que, neste momento, eles serão os protagonistas das reflexões, levantando questões que acharam importantes ou intrigantes na história.

Peça que os alunos escrevam no diário as primeiras ideias que surgiram. Oriente-os a registrar perguntas ou reflexões espontâneas, como:

- Algo que não entenderam totalmente.
- Algo que chamou muito a atenção ou causou surpresa.
- Algo que gostariam de discutir ou saber mais.

Diga que não há respostas certas ou erradas, e que as perguntas podem ser sobre os personagens, as falas, o silêncio do indígena ou mesmo situações do dia a dia que eles associaram ao texto.

Organize um momento para que os alunos, compartilhem as perguntas ou ideias escritas no diário.

Como mediador, o professor deve:

- Reforçar que todas as contribuições são válidas e importantes.
- Evitar fornecer respostas prontas, mas devolver as perguntas à turma para que reflitam juntos. Por exemplo, se um aluno perguntar: "Por que as senhoras não perguntaram diretamente ao indígena quem ele era?", o professor pode devolver: "O que vocês acham? Como isso poderia ter mudado a história?"

Permita que os alunos explorem as questões levantadas, conduzindo o debate de forma colaborativa. Oriente-os a escutar as opiniões dos colegas, acrescentar ideias ou até discordar de forma respeitosa. O papel do professor é garantir que a conversa permaneça focada e que todos se sintam confortáveis para participar.

Quando surgirem perguntas que extrapolem o texto, como questões sobre preconceito, exclusão ou respeito a outras diferenças, incentive os alunos a explorar essas conexões no diário. Pergunte:

- Como situações parecidas podem acontecer com outras pessoas?
- O que podemos aprender com essas reflexões para o nosso dia a dia?

Explique que a história do texto é um ponto de partida para pensar sobre a vida e nossas atitudes.

Após a discussão, peça que os alunos registrem no diário o que aprenderam ou o que consideraram mais importante durante a conversa.

Finalize destacando que o mais importante dessa atividade é aprender a observar o mundo de forma crítica e reflexiva, como fizeram com a crônica. Reforce que o **Diário de Reflexões** é uma ferramenta para registrar pensamentos e sentimentos, e que as perguntas e ideias deles são fundamentais para a construção de um ambiente mais inclusivo e respeitoso.



COLOCANDO EM PRÁTICA

Atividade: "As Palavras que Construimos Juntos"

Professor(a), nessa atividade, os alunos criarão juntos um cartaz. Esse cartaz será feito com palavras que eles entendam como importante na construção de um lugar onde todos se sentem respeitados e valorizados, independentemente de suas diferenças. Reforce que, assim como as palavras das senhoras na crônica mostraram preconceitos, as palavras que escolhemos também podem construir um mundo melhor.

Dê a cada aluno uma folha de papel e peça que eles pensem em palavras que representem o respeito entre as pessoas e a valorização das diferenças (respeito, amizade, empatia, inclusão).

Peça que os alunos cole suas escolhas no mural. O professor pode ajudar a organizá-las para formar um 'caminho', uma 'árvore' ou outra escolha simbólica. Deixe espaço para que os alunos também desenhem ou coloquem símbolos que representem diversidade, como figuras de pessoas pertencentes a diferentes grupos.

Enquanto constroem o mural, lembre que as palavras das senhoras na crônica revelam preconceitos, mas o silêncio do indígena trouxe um outro sentido à situação, de resistência ao preconceito e sabedoria dos discursos das senhoras.

Depois que o cartaz estiver pronto, faça uma roda de conversa com os alunos para refletirem sobre a produção:

- Como as palavras escolhidas ajudam a construir um ambiente mais respeitoso?
- Como podemos usar essas palavras em nossas atitudes na escola e na vida?

Aproveitar o momento de reflexão e ofereça aos alunos biscoitos com leite quente, o que vai ao encontro da arte de capa do diário.

Coloque o cartaz em um lugar visível na sala, ou na escola, para que ele inspire outras pessoas a refletirem sobre a importância do respeito e da diversidade.

REFERÊNCIAS

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1996.

ORLANDI, E. P. *Interpretação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso e o sujeito: uma leitura do sujeito no discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: Formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.